

AÇÕES DE TERAPIA OCUPACIONAL COM JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA

Occupational therapy actions with young public-school students: an analysis of practice

Acciones de terapia ocupacional con jóvenes estudiantes de escuela pública: un análisis de la práctica

Priscilla Dalva dos Santos Silvestre

<https://orcid.org/0000-0002-0546-1055>

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Terapia Ocupacional, João Pessoa, PB, Brasil.

Joana Rostirolla Batista de Souza

<https://orcid.org/0000-0002-6334-7592>

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Terapia Ocupacional, João Pessoa, PB, Brasil.

Resumo: Contextualização: Este artigo tem o objetivo de fazer uma análise compreensiva de ações da terapia ocupacional com jovens estudantes do Ensino Fundamental II numa escola pública. **Processo de Intervenção:** É um relato das práticas feitas por discentes de terapia ocupacional em uma disciplina teórico-prática que aborda a terapia ocupacional na educação. **Análise crítica da prática:** Teve-se como referencial teórico-metodológico para o trabalho a terapia ocupacional social, refletindo sobre recursos e tecnologias sociais para a atuação em escola pública. **Síntese das considerações:** A utilização desses recursos durante o período das intervenções trouxe mudanças no contexto escolar, com reflexões sobre perspectivas futuras e projetos de vida, participação mais ativa nas atividades propostas, como também trouxe para a escola um espaço em que os jovens se sentissem acolhidos, reconhecidos e protagonistas dos seus processos educacionais e sociais.

Palavras-chave: Terapia ocupacional. Adolescente. Participação social. Educação Básica.

Abstract: Contextualization: This article presents a comprehensive analysis of occupational therapy actions with young high school students at a public school. **Intervention Process:** It is an experience report of practices carried out by occupational therapy students in a theoretical-practical discipline that addresses occupational therapy in education. **Critical Analysis of Practice:** We had social occupational therapy as a theoretical-methodological reference for the professional process, reflecting on social resources and technologies for working in public schools. **Synthesis of Considerations:** The use of these resources during the intervention period brought about changes in the school context, with reflections on future perspectives and life projects, more active participation in the proposed activities, as well as bringing to the school a space in which they feel welcomed, recognized and protagonists of their educational and social processes.

<http://orcid.org/0000-0002-0546-1055>

Keywords: Occupational therapy. Adolescent. Social participation. Basic Education.

Resumen: Contextualización: Este artículo tiene como objetivo hacer un análisis integral de las acciones de terapia ocupacional en la educación con jóvenes de la Educación Primaria de una escuela pública. **Proceso de Intervención:** Se trata de un relato de prácticas realizadas por estudiantes de terapia ocupacional en una disciplina teórico-práctica que aborda la terapia ocupacional en la educación. **Análisis Crítico de la Práctica:** Utilizamos la terapia social ocupacional como referente teórico-metodológico para el trabajo, reflexionando sobre recursos y tecnologías sociales para el trabajo en las escuelas públicas. **Síntesis de Consideraciones:** El uso de estos recursos durante el período de intervención provocó cambios en el contexto escolar, con reflexiones sobre perspectivas y proyectos de vida futuros, una participación más activa en las actividades propuestas, además de traer a la escuela un espacio en el que se sientan acogidos, reconocidos y protagonistas de sus procesos educativos y sociales.

Palabras clave: Terapia ocupacional. Adolescente. Participación social. Educación Básica.

Como citar:

Silvestre, P. D. S.; Souza, J. R. B. (2024). Ações de terapia ocupacional com jovens estudantes de escola pública: uma análise da prática. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(3), 10.47222/2526-3544.rbto62088

Contextualização

Este artigo propõe a análise compreensiva do trabalho desenvolvido por discentes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com jovens de uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública periférica, no âmbito de uma disciplina teórico-prática sobre terapia ocupacional na educação.

Processo de intervenção

Tomando-se a terapia ocupacional social como referencial teórico-metodológico, realizaram-se dez encontros semanais com a turma, em uma escola que se localiza em um bairro periférico da cidade de João Pessoa, Paraíba, considerado um território em conflito, disputado por facções do tráfico de drogas e marcado por extrema violência e populações em vulnerabilidade social.

Em média, 35 estudantes com idade de 13 a 19 anos participaram das ações desenvolvidas. Destacamos aqui a importante distorção idade-ano presente na turma, que foi formada (pouco antes da eclosão da pandemia de Covid-19) a partir de um projeto da escola que reunira num único sexto ano os alunos com dificuldades e retidos (alguns, mais de uma vez), visando "nivelamento", por meio de um suporte mais intenso.

Dois anos após a interrupção das atividades presenciais e, conseqüentemente, do projeto, a referida turma retornou às aulas presenciais já no oitavo ano, após vivenciar todas as dificuldades conhecidas do formato remoto, acentuadas nessa realidade social descrita. Nos deparamos, portanto, com a intensificação das dificuldades individuais que produziram uma turma considerada pela escola como "problemática", "indisciplinada" e "descompromissada".

Para a análise proposta, os resgates das informações das práticas foram feitos a partir de registros de diários de campo, acervo fotográfico da discente, além dos relatórios técnico-profissionais das intervenções.

Para atuar com pessoas diversas e em diferentes situações, como no caso da escola, o terapeuta ocupacional pode utilizar referenciais teórico-metodológicos que facilitem e possibilitem a melhor efetivação de suas ações. Lopes *et al.* (2014) falam acerca das tecnologias sociais, isto é, recursos que abrangem ações micro e macrosociais, propondo: as Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos; a Articulação de recursos no campo social; entre outras.

As Oficinas são recursos de intervenção mediadores do trabalho do terapeuta ocupacional, aproximando, acompanhando, apreendendo as demandas e fortalecendo os indivíduos e coletivos, possibilitando o aprendizado, o desenvolvimento das capacidades, a autonomia, a participação ativa e conhecimento das necessidades dos alunos (Lopes *et al.*, 2014).

A Articulação de recursos no campo social envolve ações realizadas desde as demandas singulares e coletivas até os níveis da política e da gestão, a fim de manejar as ações nos diferentes níveis de atenção em prol de um propósito comum, utilizando-se de vários meios viáveis do território para compor e contribuir para os objetivos definidos (Lopes *et al.*, 2014).

Análise crítica da prática

Na perspectiva da terapia ocupacional social, a escola pública é um local propício para que estratégias, experiências de participação social, convívios e construções democráticas sejam desenvolvidas da melhor forma, proporcionando projetos de autonomia e exercício de cidadania (Pan & Silva, 2016).

Além disso, no contexto de nosso país, em que as políticas públicas voltadas para as juventudes são, em sua maioria, insuficientes, desarticuladas e/ou inadequadas, a escola pública é ainda um dos únicos equipamentos públicos com garantia de acesso aos jovens pobres, e é nela que os encontramos (Pan & Silva, 2016).

A turma de que trata este texto carregava um perfil estigmatizado, sendo vistos pela comunidade escolar como “os mais bagunceiros e problemáticos da escola”. Essa questão foi a primeira que nos chamou atenção, motivando diversos questionamentos, como: por que essa turma é considerada a mais difícil? É a que tem mais jovens em situação de vulnerabilidade social? O fato de a maioria da turma ser de jovens negros e pobres, provenientes de um território em conflito, influencia na identidade atribuída a ela?

Sobre isso, Motta *et al.* (2022) explica que, frequentemente, mesmo o jovem não sendo membro de uma facção criminosa, é comum que seja relacionado a ela por terceiros, somente por residir em territórios como o que descrevemos ou por ter um familiar ou um relacionamento amoroso com alguém que é “do mundo do crime”, ou, ainda, por ter amigos envolvidos nele.

Quando a direção da escola soube que iríamos trabalhar com essa turma, fomos aconselhadas a adotar um perfil mais rígido com esses jovens, senão, de seu ponto de vista, eles não cooperariam com as nossas propostas – sugestão acatada por nós visando melhor domínio e, conseqüentemente, maior engajamento nas ações.

Porém, pelo contrário, observamos que nossos primeiros encontros os levaram a nos associar à figura muito presente no senso comum, de que seríamos professoras autoritárias e que estávamos ali somando-se a um viés de controle e disciplinarização. Isso refletiu negativamente em nosso processo de trabalho, provocando comportamentos desafiadores, desconfiança deles conosco, desorganização da turma, fugas da sala de aula, desinteresse, falta de participação e de envolvimento nas Oficinas.

Ainda, durante esse processo aconteceram também intercorrências envolvendo a turma, que foi acusada de disparar o extintor de incêndio da escola, levar bebida alcoólica para as aulas, e outros fatos que levaram a uma suspensão coletiva por uma semana e à remoção da sala de aula em que ficavam (com ar-condicionado) e realocação - acredita-se que como punição - para uma sala mais quente, mais próxima da direção e com sérios problemas quanto à acústica (ventiladores velhos e barulhentos etc.).

Todos esses fatos nos levaram a sentimentos de intimidação e desânimo com as práticas. Porém, ao longo das 10 semanas, a partir da mediação das docentes da disciplina e do acionamento de referenciais da terapia ocupacional social e relacionados, como sobre juventudes e projetos de vida, pudemos repensar nossa postura e possibilitar uma aproximação maior com esses e essas estudantes, construindo um vínculo com a turma.

Conseguimos que reelaborassem a imagem associada a nós, deslocada agora para a figura de parceiras, muito devido a colocarmos músicas que eles gostavam na sala e que nós também escutávamos, por mostrarmos que tínhamos assuntos em comum com eles, entre outras formas de nos aproximarmos. Conseguimos vivenciar assim um processo intenso de compreensão sobre de onde vinha aquele comportamento dito “rebelde” da turma. Farias e Lopes (2020) afirmam que o vínculo é estabelecido nessa relação de respeito e confiança, sendo construído a partir do processo, do fazer, do pensar e projetar junto com o sujeito.

Entendemos que eles se sentiam marginalizados, estigmatizados e que em resposta a isso se expressavam pelo conflito com a escola. Também percebemos que a questão passava por uma desvalorização da turma por parte da comunidade escolar por motivos históricos, sociais e raciais, que não só envolvem a escola, mas a sociedade.

Focamos em nos preparar melhor para as atividades e atribuir significado a elas. Procuramos preparar materiais para nossas ações que demonstrassem que os valorizávamos e que legitimávamos seus interesses. Aliado a isso, também inserimos em nossas práticas um pedido da direção para que trabalhássemos com a temática dos projetos de vida com esses estudantes.

Orientadas pelos pressupostos de Dayrell (2005) a respeito dessa questão, os indagamos sobre o que pensavam sobre si, sobre suas identidades e os seus futuros. Nonato *et al.* (2016) afirmam que o jovem é capaz de refletir sobre sua identidade, se vendo como indivíduo que influencia e é influenciado pela sociedade. Assim, uma de nossas Oficinas versou sobre a identidade dos alunos, como eles se enxergavam de forma singular e coletiva e como eles achavam que a escola os enxergava (Figura 1). Muitas das respostas foram que “A escola me vê como pior aluno”, “como terrorista”, “o cão”, “eu realmente sou bagunceiro”, “chato”, “eu vejo minha turma como a pior turma”, “o que pode ser diferente em mim? Tudo!”, “o pior aluno da escola”.

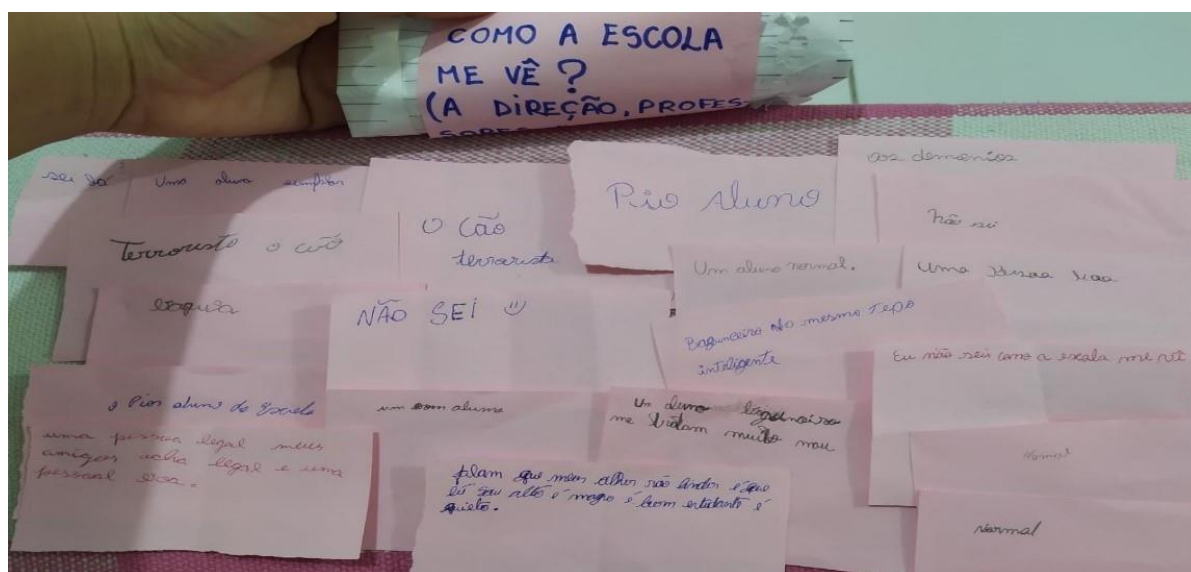


Figura 1: Como a escola me vê?

Fonte: Própria da autora, 2022.

Pudemos perceber que esses e essas estudantes tinham incorporado o estigma atribuído à turma e não viam em si potencialidade subjetiva e coletiva. Além de se culpabilizarem pelo "insucesso" escolar vivenciado por alguns.

Visando garantir mais participação, conforme o vínculo foi sendo fortalecido, pudemos considerar seus interesses mais específicos e suas compreensões de mundo e de escola, fomentando assim mais interesse em participar. Seguimos com o trabalho, trazendo atividades com o objetivo de conduzi-los a se perceberem individual e coletivamente, como sujeitos com potencialidade.

Sobre isso, Dayrell (2005) afirma que o aluno é um indivíduo que ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências, interpreta o mundo, tem desejos e projetos de vida. Para o autor, é necessário escutá-los, na perspectiva do protagonismo juvenil e tomá-los como parceiros na definição das ações escolares. Esses princípios orientaram nossas ações junto a essa turma nessa escola pública.

Ainda visando os projetos de vida, outra atividade desenvolvida por nós foi a construção de um jogo de tabuleiro feito pelos alunos e que abordasse mais diretamente quais eram, se tinham, seus projetos e planos para o futuro. Dayrell (2005) explica que os projetos de vida são compreendidos como ações dos indivíduos ou até do coletivo de escolher um, dentre os futuros possíveis, transformando seus sonhos e expectativas em algo possível de ser conseguido, dentro do contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem está inserido.

Nessa Oficina, os próprios alunos construíram o tabuleiro do jogo, elemento mediador do processo, e as perguntas envolviam temáticas de identidade, território, conhecimento da realidade, experiências de vida, trabalho, educação, família e sonhos/desejos.

No jogo, conhecemos novas perspectivas sobre como eles se veem, constatando que tinham vontade de trabalhar e fazer faculdade, por exemplo. Nesse momento, foi perceptível o quanto estavam mais à vontade e confiantes para falarem mais abertamente conosco. Também os vimos assumindo de forma mais ativa suas realidades e perspectivas.

A partir desse vínculo mais estabelecido entre nós e os jovens, de conversas e aproximações possibilitadas pelas Oficinas, pudemos identificar seus interesses em elementos do movimento HIP HOP. Assim, vinculamos as nossas propostas de ações a essa expressão artística, política e cultural, frequentemente estigmatizada pela comunidade escolar.

Pan *et al.* (2021) citam a necessidade de nos preocuparmos em fazer atividades que sejam pertinentes à realidade, ao contexto dos jovens, trazendo nessas atividades um espaço de acolhimento e compreensão do que é carregado por eles. Com isso, para uma outra atividade, pensamos em algo que fizesse parte desse repertório sociocultural.

Assim, fizemos um mapeamento e articulação com recursos do território, nos aproximando de uma artista de rua local, preparando uma Oficina de arte de rua com apresentação e experimentação de elementos da cultura HIP-HOP, como lambe-lambe, "*stickers*", grafite e "*stencil*". (Figura 2).

Apesar de termos alcançado maior interesse da turma ao longo do processo, essa foi a primeira atividade com a participação, envolvimento e mobilização ativa de todos da turma, sem exceção. Acerca disso, Dayrell (2005) fala da importância de a escola proporcionar um local de produção de ações, saberes, de relações, de abertura para a criatividade dos jovens, de aceitações e apostas nos seus saberes prévio e domínios.



Figura 2: Estampando uma camisa com stencil

Fonte: Própria da autora, 2022.

Para o grafite, mediamos com a gestão a disponibilização de um espaço na escola - um muro em branco para a intervenção artística da turma. De um espaço marginalizado e sem circulação de pessoas - inicialmente cedido - foi possível negociar um muro que fica na entrada principal da escola (algo que encaramos como metáfora do que perpassou nosso trabalho com essa turma ali) (Figuras 3 e 4). De "bagunceiros" e "indisciplinados", durante essa atividade, a gestão escolar pôde ver a turma em ação de modo integrado, motivado e harmonioso (como verbalizado pela própria gestora), ainda que isso não significasse o que muitas vezes é esperado em termos do "bom comportamento" escolar, já que era uma atividade dinâmica, interativa, fora do espaço e formato tradicional da sala de aula.



Figura 3: Lambe-lambe e grafite no muro da escola.

Fonte: Própria da autora, 2022



Figura 4: Aplicando lambe-lambe no muro da escola.

Fonte: Própria da autora, 2022

Surgiram no muro e nos adesivos temas como gênero, sexualidade, liberdade, paz, amor, questões raciais e juventude negra, o que demonstra a influência do contexto sócio-histórico desses e dessas estudantes, seus repertórios e como sentem a necessidade de um espaço de diálogo no qual possam se expressar. De acordo com Dayrell (2005), é tarefa do mundo adulto e de suas instituições garantir aos jovens momentos e situações em que se coloquem como interlocutores.

Síntese das considerações

Apresentamos possibilidades de contribuição da área à educação, trazendo acolhimento e protagonismo para o processo educacional e social. O referencial utilizado possibilitou uma visão *radicalmente* inclusiva (Lopes & Borba, 2022) e a superação de paradigmas, o que permitiu a vinculação efetiva e a proposição de intervenções significativas para os jovens.

Referências

Dayrell, J. (2005). Por uma pedagogia da juventude: A escola precisa reconhecer o jovem por trás do aluno e adaptar a ele seus processos educativos. *Revista Onda Jovem*, 01(01), 34-37. <https://issuu.com/ondajovem.com.br/docs/oj1>.

Farias, M. N., & Lopes, R. E. (2020). Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freireanos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4), 1346-1356. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1970>

Lopes, R. E., & Borba, P. L. O. (2022). A inclusão radical como diretriz para terapeutas ocupacionais na educação. *Revista Ocupación Humana*, 22(2), 202-227. <https://doi.org/10.25214/25907816.1402>

Lopes, R. E., Malfitano, A. P. S., Silva, C. R., & Borba, P. L. (2014). O Recursos e tecnologias em terapia ocupacional social: ações com jovens pobres na cidade. *Cad. Ter. Ocup*, 22(3), 591-602. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.081>

Motta, L., Rocha, R., Rízia, A., & Amorim, A. (2022). Fora do crime no 'mundo do crime': Experiências juvenis em meio à guerra em periferias de Maceió e Belo Horizonte. *Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc., Edição Especial*(4), 387-414. <https://doi.org/10.4322/dilemas.v15nesp4.46076>

Nonato, S. P., Almeida, J. R., Faria, I., Geber, S. P., & Dayrell, J. (2016) Por uma pedagogia das juventudes. In J. Dayrell (Org.), *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG* (pp. 249-304). Mazza Edições.

Pan, L. C., & Silva, M. J. (2016). A escola pública como temática para terapia ocupacional social. In R. E. Lopes & A. P. S. Malfitano (Eds.), *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp.307-314). EdUFSCar.

Pan, L., Borba, P. L. O., & Lopes, R. E. (2021). Recursos e metodologias para o trabalho de terapeutas ocupacionais na e em relação com escolas públicas. In R. E. Lopes & P., L. O. Borba (Orgs.), *Terapia Ocupacional, Educação e Juventudes: Conhecendo Práticas e Reconhecendo Saberes* (pp. 97-126). EdUFSCar.

Contribuições das autoras: P.D.S.S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. J.R.B.S: Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 27/11/2023

Aceito em: 18/06/2024

Publicado em:31/07/2024

Editor(a): Carolina Maria do Carmo Alonso